

NOTAS

TRISTÃO DE ATHAYDE

O QUE SEMPRE ME ENCANTOU, em Antônio Sales, foi o seu amor à sombra. E portanto o seu contraste com a terra de luz de que é filho.

Cearense, e bom cearense, não foi daqueles “estranhos aos seus conterrâneos” de que falava em 1897, ao fazer na *Revista Brasileira* a melhor síntese que até hoje se escreveu sobre o *Ceará Literário*. Passou 30 anos longe do seu Ceará. Mas como a terra de Iracema tem segredo de atração só dela, Antônio Sales não se deixou dominar em sua longa permanência aqui pela sedução do Rio, ficando sempre fiel ao seu berço, com esse amor indomável que todo cearense tem por ele e que bem mostra como só amamos de todo coração àqueles que sofrem.

E entretanto o autor das *Trovas do norte* não é de forma alguma um regionalista. Tudo nele respira, do contrário, o gosto da universalidade. Tem o estilo simples e elegante. O temperamento sóbrio e reservado. Nada de bárbaro. Nada de *terroir*. Nada de propriamente nativo. Espírito harmonioso e equilibrado, sempre superior às modas literárias. Incapaz de um gesto de publicidade. E antes procurando sempre ser esquecido, e prezando muito mais os valores morais que os estéticos e muito menos os meramente literários.

E foi esse jeito seu como disse, que sempre me seduziu em sua figura. Ai do Brasil se todos fôssemos sorrir melancolicamente, — como ele o fez sempre, depois de passado o primeiro ímpeto da mocidade, — de todo esforço por alterar a sombra do esquecimento que nesta vida vai cobrindo, sem piedade, todos esses espíritos recatados, sofredores, sutis, cuja tragédia silenciosa Vauvenargues definiu numa simples exclamação: “Ai dos delicados!” Ai dos delicados, sim, ai daqueles que esperam dos próprios homens a compreensão do que há de mais profundo, de mais sutil, de mais misterioso em nossas almas. A vida é uma terrível brutalizadora de delicadezas. Uma cruel supressora de entretons. Pobres daqueles que não souberem encourçar-se, como pobres daqueles que só souberam encourçar-se! Nem tanto nem tão pouco. O amor da luz e da sombra não deve apagar em nós o amor da penumbra.

Nós, da geração que sucedeu à de Antônio Sales, da geração que nascia quando ele estreava nos fins do século passado, nós viemos também da penumbra. Mas a vida nos ensinou que a permanência na

penumbra não pode já hoje satisfazer, senão as nossas preferências, ao menos a nossa consciência.

E saímos para o dia ou para a noite.

Antônio Sales, porém, filho da geração que apareceu com a República, preferiu ficar na penumbra e nesse seu adorável retraimento, se há um grande perigo para a nacionalidade, há um grande encanto para os indivíduos. É como sempre aqui entre nós. A nossa tragédia é justamente essa. É justamente que as virtudes particulares são defeitos sociais, ao contrário dos nossos irmãos do Norte cujas virtudes íntimas coincidem com as qualidades necessárias à força da coesão social. Aqui é o contrário. É um caso como o de Antônio Sales é típico. Se fôssemos aceitar como regra de raça o seu recato, a sua obscuridade procurada, o seu amor ao recolhimento silencioso, seria renunciarmos a sair dessa eterna infância encanecida que nos atrai inexoravelmente para as planícies geladas do ceticismo e da indiferença, nosso mal orgânico.

Mas em cada um de nós, que de encanto não existe nessa doçura, nessa melancolia, nesse desprendimento de vaidade, nessa eterna boêmia de espírito que nos faz um pouco semelhantes “aos lírios do campo”, cujo exemplo Nosso Senhor nos recomenda! Qualidade nas almas, defeito na raça — quanta angústia nessa eterna dissociação em que vivemos!

Mas Antônio Sales não foi sempre esse amigo da obscuridade em que há tantos anos mergulhou, depois do período ardente da “Padaria Espiritual” e da aproximação, pouco mais tarde, com o grupo da *Revista Brasileira*, aqui no Rio. Deu uma prova real, então, desse desprendimento, quando recusou fazer parte da Academia Brasileira em formação, declarando-se “antiacadêmico” e confiando mais no esforço isolado de cada um.

Mas foi no Ceará, em 1892, que ele apareceu com o movimento de renascença literária em torno da famosa e efêmera — “Padaria Espiritual”. Assim resume ele, no citado artigo da *Revista Brasileira*, o que fora o movimento de cinco anunciantes:

Nós, os novos do Ceará, cheios de uma impaciente curiosidade pelas cousas da inteligência, com uma teimosa chamazinha de Ideal a aquecer-nos os cérebros, alimentando uma aversão desdenhosa pelas chatices do ramerrão burguês, e republicanos ainda por cima, constituímos desde os primeiros dias da República um pequeno grupo de feição boêmia para trocar impressões de arte, comentar leituras etc... Um mês depois de fundada a “Padaria” apareceu o primeiro número d’*O Pão*, que nessa primeira fase puramente revolucionária era, segundo o “Retrospecto” do Padeiro Moacir Jurema, — menos o veículo literário da “Padaria” do que uma válvula para a pilhéria petulante que se fazia lá dentro.

Com o 6º número, porém, suspendeu-se a publicação d’*O Pão*.

Foi em 1895, com o reaparecimento efêmero d’*O Pão*, que Antônio Sales publicava as suas *Trovas do norte*. O movimento da

“Padaria Espiritual” vinha a ser o terceiro período de agitação de dias no Ceará no século passado. O primeiro fora o movimento filosófico em 1870, logo depois da guerra do Paraguai, quando o Brasil inteiro começava a despontar, sob a influência das idéias falsamente regeneradoras que o *naturalismo* europeu nos enviava. Foi o movimento da Academia Francesa de Fortaleza, que nos deu homens como Capistrano de Abreu, Araripe Júnior, no primeiro ano, e outros nomes de relevo como João Lopes, Tomaz Pompeu, o desventurado Rocha Lima etc. Foi o momento em que esse glorioso D. Vital forçava o Brasil a despertar do seu sono de mestiçagem mental e a iniciar o movimento de definição de atitudes. E a mocidade nortista, impregnada de espírito que subia da Escola de Recife, lançou-se em movimentos de falsa emancipação, como esse de Fortaleza.

O segundo período foi essencialmente político, com o aparecimento do jornal *Libertador*, em torno do qual se fez todo o movimento abolicionista e republicano. A revista literária do grupo era *A Quinzena*, em que colaboravam Juvenal Galeno, o patriarca da nossa poesia popular, Oliveira Paiva, o jovem romancista de grandes promessas, mas cedo desaparecido, como sucedeu anteriormente com Rocha Lima, Farias Brito, e pouco depois publicava os seus primeiros versos *Cantos modernos*, Virgílio Brígido, Antônio Martins etc.

E a esse período é que sucedeu o movimento mais estritamente literário da “Padaria Espiritual”, em que apareceu Antônio Sales.

Cedo, porém, dissipou-se o ímpeto inicial, e por longos anos ia entrar o Ceará numa grande apatia literária, só hoje interrompida, ao que parece, pelo movimento moderno da nova geração, cuja revista *Maracajá* parece ser para 1929 o que *O Pão* foi para 1892.

Pouco depois saía Antônio Sales da sua província, vindo para o Rio justamente quando a grande vida intelectual se fazia em torno da *Revista Brasileira*. Foi, mais tarde, colaborador assíduo do *Correio da Manhã*, em cujas páginas apareceram, em forma de folhetim, estas *Aves de arribação*, que só em 1913 iam ser recolhidas em volume. Revelou-se então um jornalista de pulso, combatendo vivamente a antiga oligarquia dos Acioly, a cujo respeito escreveu o *Babaquara*, panfleto de verve satírica.

Colaborou também, durante esse período, em vários jornais do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Recife, havendo nessa obra dispersa, mas sempre honestíssima e vigorosa, matéria para vários volumes aproveitáveis.

Muito ligado, nesse período, ao grupo da *Revista Brasileira*, recusou-se, entretanto, como disse, a fazer parte da Academia sobre cujos membros escrevera em 1897 uma série de perfis muito interessantes.

Há cerca de dez anos voltou para o seu Ceará, onde hoje vive longe como em toda a sua vida da feira literária, num isolamento que não é orgulho nem egoísmo e apenas esse amor à nobreza da vida que existe sobretudo na solidão. Solidão, aliás, sonora de todos os ruídos do mundo, pois Antônio Sales nada perde do tumulto de idéias que enchem os ares de nossos tempos de humor e de angústia. Solidão fecunda também, pois dizem que em breve nos dará outro romance cearense, como cearenses — sem serem propriamente regionais — são estas *Aves de arribação*.

Não vou resumir o livro. O leitor que o leia. Já não será muito do nosso gosto, hoje em dia. Preso ao feitio literário e à linguagem literária daquele tempo, se bem que independente de toda a preocupação de escola ou de moda, e por isso mesmo digno desta reedição. Nele se verá como Antônio Sales é um cearense que nada tem de bairrista ou regionalista. Seu interesse é mais humano, mais universal. As *aves de arribação* operam em toda parte do mundo, e a influência de *Madame Bovary* não parece estranha a esse romance.

Sem ser propriamente regionalista, sem ser filiado à literatura da seca, tão tipicamente cearense, este livro estuda com muita observação o meio clássico da cidade pequena e ao mesmo tempo o da cidade pequena cearense, com os seus tipos característicos e os seus problemas particulares. Depois desse romance mergulhou de novo Antônio Sales no seu recolhimento, de onde nos trará, ao que parece, um novo romance sertanejo.

É uma figura, portanto, de rara distinção e nobreza a desse displicente filho dos “verdes mares bravios” que se recusa a abandonar a sua terra natal por outras consagrações mais ilustres, e entretanto nada tem de bravo, como a natureza de que é filho; — que se isolou da literatura, depois de ter estreado nela com todo ímpeto, preferindo-lhe sempre o calor discreto das verdadeiras amizades e que, entretanto, lá do alto do Brasil, acompanha sempre, com interesse apaixonado, apesar do lento desencanto em que se faz esquecer, a renovação das ilusões literárias dos que nascem a cada momento para as letras com o mesmo ardor e as mesmas irreverências com que ele o fazia há quarenta anos.

Rio de Janeiro, abril de 1929.